

A Experiência e a Vivência – proposta de uma teoria modular da comunicação¹

Samuel Mateus

Resumo

Tendo como ponto de partida as meditações de Walter Benjamin em torno da experiência e da modernidade, propomo-nos refletir sobre as relações entre comunicação, experiência e vivência. Se, por um lado, o ensaísta alemão percebe a vivência enquanto empobrecimento da experiência, por outro lado, discute-se, é a captura dessas vivências que pode justamente conduzir-nos à experiência. Esta ideia é desenvolvida e aplicada à comunicação. Argumenta-se que Experiência (*Erfahrung*) e Vivência (*Erlebnis*) não são apenas duas qualidades experienciais concomitantes como também a contemporânea mediação se baseia na própria comunicabilidade das Vivências contribuindo, deste modo, para que estas tenham um papel fundamental no processo de constituição da Experiência.

Palavras-Chave

Erfahrung; *Erlebnis*; Experiência; Vivência; Teoria da Comunicação; Mediação; Walter Benjamin.

Samuel Mateus | sammateu@gmail.com

Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa - UNL. Pesquisador no Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens- CECL. Bolsista de Pós-Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia- FCT

1 Introdução

A palavra “experiência” deriva da palavra latina *experientia* a qual significa etimologicamente uma tentativa, expedição ou uma viagem que arrisca e que coloca em perigo. Mas é, igualmente, uma prova a que se escapa e a que se resiste, um viver que retiramos desse encontro entre o indivíduo e o mundo (Lacoue-Labarthe, 1986, p. 30). No fundo, trata-se de uma jornada em que (re) colhemos algo, um risco do qual recuperamos a própria vida (*ex-perientia*).

É tendo em conta esta dimensão de travessia e de exposição ao mundo (e ao outro) que é necessário relacionar a experiência com a própria ideia de comunicação. Se contemplarmos a experiência enquanto confrontação com o mundo, então precisamos de incluir nela o fenómeno comunicacional já que a ele devemos justamente a possibilidade de integrar e compartilhar os quadros de sentido que a fundam.

¹ Este texto constitui um desenvolvimento e aprofundamento da comunicação intitulada “A Comunicação como Experiência e como Vivência – alguns apontamentos a pretexto de W. Benjamin”, apresentada no VIII Congresso SOPCOM, em Outubro de 2013.

O papel da comunicação é, assim, duplo: não apenas possibilita que a experiência seja dotada de um sentido, como, igualmente, permite expressar, transmitir e partilhar simbolicamente esses mesmos quadros do sentido. Devemos, pois, ao processo comunicacional a oportunidade de fundar coletivamente a experiência. Esta é sempre uma interação assegurando a comunicação a tarefa de coordenação dos comportamentos de acordo com as regras e pressupostos que conferem relevância à experiência. É porque consiste num deslocamento dos limites e numa exposição simbólica do indivíduo ao mundo que podemos afirmar a natureza eminentemente social da experiência.

Por conseguinte, impõem-se duas interrogações: Qual a relação entre comunicação e experiência, ou mais exatamente, que tipo de experiência subjaz à comunicação? E de que modo a mediação da comunicação, a que assistimos de forma bastante acentuada nas sociedades contemporâneas, se repercute na própria ideia de experiência?

Na presente reflexão alinham-se algumas observações que pretendem iniciar um percurso de resposta a estas duas questões. Sem pretendermos alcançar uma resposta definitiva, a nossa indagação em torno da experiência e da comunicação inspira-se no pensamento de Walter Benjamin. É a partir da sua própria perspectiva sobre a Experiência (*Erfahrung*) e a experiência vivida (*Erlebnis*) que delimitaremos a nossa análise e se argui uma proposta modular da comunicação.

2 A Comunicação enquanto Experiência e a Experiência enquanto Comunicação

A experiência dá-se, como escreve William James “no fluxo imediato da vida” (James, 1912, p. 93). Tal como a comunicação, ela define-se por ser integral e inclusiva estando presente em todos os aspetos da vida.

A comunicação é, no fundo, um tipo de experiência. Uma experiência de sentido específico que, como lembrava Mead (1992), permite a construção contínua do *self* à medida que interagimos com os outros. O indivíduo não é, deste modo, uma descoberta de algo mas um “tornar-se” (no sentido do inglês *becoming*) que o processo comunicacional possibilita. O que se partilha na comunicação é a significância da experiênciação que cada indivíduo tem de si e dos outros, cada um sendo aquilo que é e experimentando o mundo, não devido às suas ações mas especialmente devido à interação (Shepherd, 2005, p. 25). Percebida como experiência, a comunicação acontece por causa dos indivíduos que, dessa maneira especial, entram em convivência. Ela realça a interdependência do homem enquanto animal social.

Por outro lado, a comunicação não é apenas uma experiência. Ela contribui decisivamente para a própria partilha coletiva da experiência, a qual, deste modo, se publicita e se torna uma experiência singular que se pluraliza e se comunga. A comunicação detém, assim, o potencial de ampliar (*enhance*) a experiência

(Dewey, 1899, p. 55). Com efeito, ela molda e configura a experiência na medida em que toda a vida social passa, num ou noutro momento, pelo processo comunicacional. “A sociedade não apenas continua a existir pela (*by*) transmissão, pela comunicação como - pode ser dito justamente - existe na (*in*) transmissão, na comunicação (...). Os homens vivem numa comunidade em virtude das coisas que possuem em comum; e a comunicação é a via pela qual eles acabam por possuir coisas em comum” (Dewey, 1916, p. 8).

À comunicação está, no fundo, reservada a tarefa de assegurar a participação da pluralidade de indivíduos num entendimento partilhado do mundo (Rodrigues, 2011, p. 37).

3 O Empobrecimento da Experiência segundo Benjamin

A mediação das sociedades intensificou-se na modernidade. A comunicação tornou-se progressivamente mais técnica rompendo com as fronteiras espaciais e temporais da experiência. O exemplo agudo da tecnologização da comunicação é, por exemplo, a internet a qual tem na instantaneidade, acessibilidade e na diversidade de conteúdos três dos seus mais importantes atributos. Podemos interrogarmo-nos acerca das consequências que a mídia moderna possui

na própria compreensão da experiência. Mais, podemos refletir sobre os efeitos da mediação do ponto de vista da comunicabilidade da experiência. A experiência tornar-se-á provavelmente mais comungável e universal.

Mas de que modo isso a influencia? Urge apurar em que medida os media modernos afetam a experiência ou mais exatamente, quais os efeitos da mediação sobre a comunicação da experiência. A Teoria da Experiência de Walter Benjamin oferece-nos contributos fundamentais sobre este assunto.

Embora nos textos de juventude Benjamin se detenha sobre a questão da experiência (*Erfahrung*) (Benjamin, 1913/1914) e se debruce sobre a apropriação kantiana do conceito, é *Erfahrung und Armut*, de 1933, que é determinante para pensar o carácter da experiência moderna². É neste célebre texto intitulado “*Experiência e Pobreza*” que assistimos ao reposicionamento crítico de Benjamin. O que aqui está em jogo não é uma abertura da experiência mas precisamente o seu oposto: uma retração da experiência a qual lhe confere um carácter incipiente, pobre e exaurido (Benjamin, 1933). Este texto irá marcar toda a discussão subsequente acerca da experiência e levará Benjamin a declarar uma verdadeira “crise da experiência” (Benjamin, 1992, p. 28).

² Mais do que uma abordagem moderna, o pensamento de Benjamin caracteriza-se por uma crítica moderna à própria modernidade (Löwy, 2005).

Com efeito, a denominada “decadência da experiência” (Benjamin, 1933, p. 731) prende-se com a crise da transmissão que interrompe a continuidade do saber e das memórias. Benjamin identifica a I Grande Guerra como esse evento monstruoso onde a experiência subitamente se arruinou. Os soldados regressaram em silêncio e o mundo calou-se estacando a transmissão da experiência de pai para filho. A pobreza da experiência significa que os homens têm de começar de novo sendo, por esse motivo, uma experiência esvaziada. O indivíduo moderno “é como um recém-nascido nas fraldas sujas do presente” (Benjamin, 1933, p. 733). O empobrecimento da experiência traduz-se na carência de uma temporalidade que permita inscrever várias gerações, numa mímica da formação (*Bildung*) válida para toda a sociedade.

Regista-se, assim, uma “atrofia da experiência” (Benjamin, 1939, p. 316). Afogada na contemporaneidade, as sociedades modernas, de massas heterogêneas e cidades industrializadas, revelam uma realidade pobre quando comparada com as sociedades tradicionais: em vez da preservação da tradição (poesia épica, as narrativas, os provérbios), assiste-se ao depauperamento de um passado comum a ser transmitido às gerações vindouras.

O ensaísta alemão relaciona o crescente empobrecimento da experiência com o declínio da comunicabilidade da experiência. A faculdade de transmitir e partilhar experiências através

da comunicação foi particularmente atingida.

Benjamin fala a esse propósito do progressivo desaparecimento da narração. “A arte de narrar está em extinção. É cada vez mais raro encontrar pessoas que saibam narrar qualquer coisa com correção (...). É como se uma capacidade que nos parecia inalienável, a mais segura de todas, nos tivesse sido tirada: a capacidade de trocar experiências” (Benjamin, 1992, p. 27). Como escreve em “*Der Erzähler*”, a comunicação da experiência é cada vez menor (Benjamin, 1992, p. 31). Com o enfraquecimento da narrativa, é a própria forma artesanal da comunicação que se fragiliza, uma comunicação que relata e relaciona, que vincula narrador e ouvinte, uma comunicação inscrita na experiência dos homens e decalcada da sua vida. É, assim, estabelecido um paralelismo entre o declínio da arte narrativa e o declínio da comunicabilidade da experiência.

Para esta situação muito contribui a tecnologia da comunicação a qual inunda a sociedade de ideias empolando uma abundância de informação que acomete o indivíduo e que condiciona a formação da experiência (Kierkegaard, 1846, p. 47).

Benjamin avalia a imprensa e a informação como fatores que contribuem para o empobrecimento da experiência. Os princípios da informação jornalística (novidade, brevidade, clareza) contribuem para um distanciamento entre indivíduo e experiência. A informação não penetra nos domínios da tradição, é apenas o reportar de factos imediatos de uma realidade em ebulição. Ela carece de uma dimensão experiencial e é

nessa medida que contribui para uma progressiva atrofia da experiência. “Onde existe experiência [*Erfahrung*] no sentido estrito da palavra, certos elementos do passado individual combinam-se na memória com matéria proveniente do passado coletivo” (Benjamin, 1933, p.316). O jornalista opõe-se, pois, ao narrador: não deixa a sua impressão nos acontecimentos. A informação é rápida, ao contrário da experiência que se caracteriza por um tempo lento de construção. “A informação só é válida enquanto atualidade. Só vive nesse momento, entregando-se-lhe completamente, e é nesse preciso momento que tem de ser esclarecida. A narrativa é muito diferente; não se gasta. Conserva toda a sua força e pode ainda ser explorada muito tempo depois” (Benjamin, 1992, p. 35).

A informação, porque é esclarecedora, esgota-se nesse instante; ela não interpela o prosseguimento da relação entre o indivíduo e jornalista. Como escreve Jeanne Marie Gagnebin (1999: 50), “a busca incessante do novo só é, pois, uma agitação irrisória que mal recobre a atividade subterrânea e tenaz de um tempo mortífero”. Falta-lhe uma forma germinativa capaz de alimentar a experiência e de a suportar no tempo.

É apenas em 1939 que Benjamin encontra o termo para definir a experiência empobrecida da modernidade: Vivência ou experiência vivida (*Erlebnis*). Em “*On Some Motifs in Baudelaire*” encontramos a descrição da vivência como traço fundador da experiência moderna. Incapaz de

conectar as gerações, a experiência moderna apreende somente de forma fugaz, extemporânea e fugidia. Ao contrário de uma Experiência autêntica e plena (*Erfahrung*) fundada nas ideias de tradição, narração e comunidade, a Vivência (*Erlebnis*) centra-se no indivíduo, na consciência, na percepção isolada. Daí que a poesia lírica de Charles Baudelaire seja considerada o lugar de eleição de um elogio da Vivência. Deixando para trás a poesia romântica, o poeta francês inaugura uma nova lírica das vivências inspiradas na multidão, na diletância urbana, no trabalhador industrial e nas largas avenidas das cidades. Segundo Benjamin, a poesia baudelairiana é uma escrita atenta das vivências urbanas, do hedonismo sensorial (as montras, os espelhos, os odores, as cores que compõem a quadricula das grandes avenidas), da vida quotidiana das gentes, ou da errância do *flâneur*.

A Vivência é essa experiência característica do indivíduo moderno. A modernidade, sacudida por sucessivos choques (estéticos, políticos, culturais), é dominada pela sucessão de vivências não permitindo senão um lugar marginal à Experiência inteira, comunitária, inter-geracional. Para Benjamin, as vivências consagram a primazia da existência, do viver aqui e agora, de uma consciência só, imersa no bulício da cidade moderna.

A desmultiplicação sensorial da vida cidadina provoca precisamente esse carácter fragmentado. Porque não é fruto de uma

transmissão coletiva, Benjamin entende a Vivência como uma experiência que, rompendo com os fundamentos coletivos e o valor do exemplo, apenas se pode referenciar a partir da sua ancoragem subjetiva, singular e particularizada. E é nesta medida que a Vivência se coloca como uma experiência isolada (Benjamin, 1939, p. 317), ou se quisermos, uma experiência atomizada e descontínua. Uma experiência andarilha que se imobiliza apenas enquanto Vivência individual. À semelhança de Simmel (1999), Benjamin identifica uma despersonalização generalizada das relações sociais e uma certa solidão enclausurante. O indivíduo é mais um elemento do grande edifício das trocas mercantis, indivíduo votado a si próprio, preso nas malhas das suas próprias vivências inefáveis (*Erlebnisse*). O indivíduo burguês procura justamente combater a despersonalização através da apropriação pessoal da intimidade: os seus retratos, os seus bordados singulares, os lenços com as suas iniciais. “Despossuído do sentido da sua vida, o indivíduo tenta desesperadamente deixar a marca da sua possessão nos objectos pessoais” (Gagnebin, 1999: 59).

Sem conhecimento acumulado e sem uma experiência comunicada, a modernidade enfatiza o vivenciar absorto de uma consciência individual que tudo recolhe sobre si. Como explicam Lima

e Magalhães (2010, p. 151): “as novas formas de sociabilidade e de trabalho no espaço urbano moderno eram incompatíveis com a transmissão das experiências entre as gerações (*Erfahrung*), favorecendo as vivências estritamente individuais (*Erlebnis*), experiência inautêntica. Assim sendo, o modo de conhecimento na cidade moderna não é mais a experiência, que se remetia à memória pessoal e coletiva, que engajava o sentimento e a reflexão. Ao contrário, predomina agora a vivência que repousa na atenção distraída – uma forma de conhecimento passivo, difuso, periférico”.

De certo modo, todo o pensamento de Benjamin é atravessado não apenas por um trajeto degenerativo da Experiência, como também por um percurso que coloca a midiaticização da comunicação no centro do empobrecimento da Experiência³. Com efeito, o declínio da experiência, no plano estético, pode ser associada à perda aura da obra de arte devido à reprodutibilidade técnica e ao aparecimento de uma sociedade de massa que tudo simplifica, nivela e assimila (Benjamin, 1992 a, p.93). E no plano da linguagem, o empobrecimento da experiência tem a ver com a necessidade de resgatar uma linguagem adâmica - a experiência originária – que se obliterou com o uso comunicacional da palavra escrita, a qual versa um distanciamento por parte do homem do ser genuíno das coisas (Benjamin, 1992 b, p.177).

³ O pensamento de Benjamin vive da sua própria ambiguidade. Fruto da nossa interpretação, indicamos somente uma tendência, a qual não deve ser percebida como resumindo de forma homogênea a obra do ensaísta alemão.

Walter Benjamin elabora, assim, uma tipologia da experiência claramente ordenada onde a *Erfahrung*, ou Experiência, é sobrevalorizada face à *Erlebnis*, ou Vivência. Ele identifica, na modernidade, uma abundância de vivências que estrangulam a força germinativa da experiência. Por outro lado, o seu pensamento parece não considerar a comunicação como condição incontornável da Experiência. Embora suponha que a Experiência tenha de ser comunicada, Benjamin interpreta a modernidade a partir justamente da ideia de incomunicabilidade da experiência.

Quererá isto dizer que a comunicação não participa senão das vivências, sendo-lhe interdita um vínculo forte com a experiência?

4 A Experiência e a Vivência, conceitos inconciliáveis?

A obra de Walter Benjamin é multifacetada e, em muitas passagens, ambígua ou mesmo ambivalente. É tendo isso em conta que procedemos a uma interpretação livre do seu pensamento e sublinhamos a própria possibilidade da Vivência alimentar e desaguar na Experiência.

Compreendemos que a intenção crítica de Benjamin é fazer aceitar Baudelaire como aquele que anuiu, com sucesso, ao desafio de abarcar poeticamente a modernidade a partir das suas vivências (*Erlebnis*) e com isso, de algum modo, restaurar a altivez perdida da *Erfahrung*. Assim, ao mesmo tempo que impõe uma hierarquia

entre Experiência e Vivência, “*On Some Motives in Baudelaire*” parece igualmente indicar a direção onde deve ser posta a primeira pedra do restabelecimento da Experiência.

Se nota um empobrecimento da experiência, Benjamin não deixa de salientar – argumenta-se no presente artigo - uma qualidade nova da experiência: a ideia de Vivência como unidade de sentido (aliás, tal como Dilthey). De acordo com a nossa hipótese, a *Erlebnis* corresponderia à universalização da singularidade, a uma idiosincrasia aceite como digna. A vivência seria, assim, uma qualidade experiencial fundamental. Como comenta Olgária Matos, “O «materialismo histórico» de Benjamin renuncia a essa plenitude vazia da *Erlebnis* – a essa abundância que mascara a pobreza da experiência [...]. *Erlebnis* e *Erfahrung* trazem consigo diferentes temporalidades da experiência. O tempo da *Erlebnis* difere fundamentalmente da *Erfahrung* porque envolve a temporalidade do momento único e fragmentado abstratamente, enquanto a *Erfahrung* é o pertencimento no interior da tradição” (Matos, 1999, p. 146).

De acordo com esta perspetiva temporal, e por entre a ambivalência dos escritos de Benjamin, pode-se supor que a Vivência não se opõe à Experiência; pelo contrário, concorre e negocia com ela, complementa-a. A Vivência entronca na Experiência. A *Erfahrung* dissolve-se na *Erlebnis* mas a Vivência – como Baudelaire demonstrou⁴ – poderá (potencialmente) conduzir à Experiência.

A Vivência é, pois, trazida para o próprio seio da Experiência. O que Benjamin busca em Baudelaire, argumenta-se, é uma narrativa dos tempos modernos; mesmo se ela é construída em torno de uma qualidade experiencial⁵ mais próxima das vivências. Procura, no fundo, a experiência vivida como ponto de partida da experiência na medida em que ele parece entender a poesia baudelariana como a tentativa de dar à vida quotidiana o peso da *Erfahrung*, isto é, da própria Experiência.

Existe uma incerteza constitutiva nas reflexões de Benjamin que deixa espaço a que pensemos a vivência enquanto qualidade experiencial. Atendendo à interpretação apresentada, Experiência e Vivência não são conceitos necessariamente inconciliáveis. É verdade que constituem termos antagônicos nalguns escritos de Benjamin (sobretudo nos de juventude). Porém, se considerados à luz de uma dialética temporal, e se repararmos na importância que, em 1939, o ensaísta alemão dá a Baudelaire e à sua poética das vivências, Experiência e Vivência parecem denunciar uma complementaridade. Se a experiência vivida (*Erlebnis*) significa um empobrecimento, por outro lado, isso parece não impedir que a consideremos, enquanto unidade experiencial, como condição da própria Experiência (*Erfahrung*).

O que sublinhamos nesta reflexão é que o empobrecimento da experiência relatado por Benjamin não nos leva necessariamente a entrever a destruição da experiência, como o faz Agamben em *Infância e História* (2005). Falar em “perda de experiência”, não nos obriga a aceitar a sua dissolução. Como comenta Didi-Huberman (2011: 129), se Agamben trabalha a ideia de uma destruição acabada da experiência, Benjamin, por seu turno, discute a pauperização da experiência mas não o seu aniquilamento. O empobrecimento não conduz à extinção. Há sempre um resto inapropriável. O próprio Didi-Huberman nos convida “a, tal qual o próprio Walter Benjamin, reorganizarmos nosso pessimismo por meio do brilho dos vaga-lumes” (Neto, 2012: 9). Em *Sobrevivência dos Vaga-Lumes* (2011), Didi-Huberman escreve contra o horizonte de destruição da experiência enunciado por Agamben (2005). Defende, então, um núcleo inabalável da experiência histórica que o próprio Benjamin já intuía.

A nossa tese parte justamente da aceitação deste pressuposto. E argui, à semelhança da cintilação dos vaga-lumes, uma intermitência do processo experiencial que se caracteriza tanto pela experiência (*Erfahrung*), quanto pela vivência (*Erlebnis*).

⁴ Repare-se que Baudelaire escreve para um novo tipo de público, isto é, dirige-se a um leitor moderno o qual exemplifica as profundas transformações do carácter da experiência: um indivíduo motivado pelas novidades diárias e pela vida na grande metrópole (Benjamin, 1939, p. 321).

⁵ Por razões ligadas à concisão do artigo, deixamos o aprofundamento desta questão para outra oportunidade.

5 As Vivências como Elementos Centrais da Miatização Contemporânea

A partir desta leitura da ambivalência da Teoria da Experiência de Walter Benjamin podemos renovar a apreciação entre experiência, comunicação e mídia.

As vivências assumem um lugar de destaque na contemporaneidade. A atual miatização da comunicação⁶, argumenta-se, baseia-se na própria articulação pública das vivências. A instantaneidade, celeridade e onnipresença dos dispositivos tecnológicos de mediação simbólica não apenas intensificam a comunicação como partem das vivências, da experiência vivida de todos os dias para construir uma experiência social partilhada pela sociedade. A noção de “público”, tão ligada à mídia, pressupõe exatamente esta comunhão de afinidades eletivas, muitas delas ligadas à experiência vivida. A informação tornou-se, também, um dos vetores de construção social da Experiência.

E as redes telemáticas, como por exemplo as redes sociais *online*, são um dos pólos sobre o qual milhares de indivíduos se agregam com vontade de se constituir enquanto comunidade.

Na miríade de fotografias, vídeos e comentários de *Orkut* ou *Facebook* deparamo-nos com a exultação pública da pluralidade de vivências. Em cada post é a singularidade do cotidiano que é colocada à disposição de todos, disponível para ser partilhada, organizada para alimentar a própria Experiência contemporânea.

Se, com Baudelaire, Benjamin dizia que a quotidianidade urbana marcava a memória cultural de inícios do séc. XX, talvez se possa defender que a memória cultural de inícios do séc. XXI é marcada pela difusão global da miatização, em especial do *medium* internet e da possibilidade que ele abriu a que as vivências individuais se tornassem progressivamente mais coletivas e sociais⁷. No fundo, a miatização da comunicação opera a partilha simbólica das nossas sociedades. Enquanto no séc. XX, as avenidas eram o fundo sobre o qual Baudelaire pintava com palavras as vivências do cotidiano, na atualidade é o espaço mediático (incluindo o ciberespaço) que forma o pano de fundo da quotidianidade: eis no *You Tube*, um bebê que chora, na reportagem radiofônica eis um *graffiter* a falar do seu estilo vida, no *reality-show Joga Bonito* (TV Bandeirantes, 2006) eis

6 Sem com isto a identificarmos ingenuamente com o próprio processo comunicacional.

7 Não estamos a postular que a miatização subsume toda a comunicação, ou que aquela procede exclusivamente à partilha vivencial. Não fazemos depender essa partilha das vivências da utilização da internet ou de redes sociais. Além disso, sabemos que nem todas as pessoas utilizam a internet e que isso não significa que não possuam uma experiência ou vivência do mundo. Com efeito, se estamos a enfatizar o papel da World Wide Web na construção e comunhão de vivências, não advogamos que a influência das vivências sobre a própria experiência dependa absolutamente da miatização. O que se pretende sim é sublinhar o papel da comunicação (e mais exatamente da miatização) na relação entre experiência e vivência.

crianças jogando à bola; eis, pois, as vivências individuais comunicadas, transmitidas e tornadas comuns.

Como a obra de Baudelaire sublinhava, uma das vias de acesso às vivências é a descrição do cotidiano. A entrada na experiência do cotidiano depende, em larga medida, do trabalho de facilitação simbólica e publicitação que a mídia realiza. Mais do que o enunciado, a mídia hodierna enfatiza a enunciação, salienta o sujeito em si perante as complexidades de uma vida (social, pessoal e profissional) cada vez mais exigente. Ela centra-se na experiência vivida da pessoa anônima. Observamos este centramento subjetivo e vivencial, por exemplo, um pouco por toda a midiaticização: na internet, o *broadcasting* está lentamente a ser substituído pelo *egocasting*; na rádio, há cada vez mais margem para a troca de confidências e opiniões através do telefone; na televisão, a emergência do gênero *reality-show* exemplifica a valorização narrativa da experiência vivida. Neste tipo de programação, a narrativa que os participantes constroem (de si e dos outros) é fundamental, daí o confessorio, a entrevista e a partilha emocional que aí é mostrada, exibida, dada a ver.

Voltamos, pois, ao que foi inicialmente afirmado: existe uma enorme afinidade entre comunicação e experiência. Mas agora podemos acrescentar: o modo como na contemporaneidade a experiência é comunicada baseia-se (significativa embora não exclusivamente) na mídia e na sua

inexorável publicitação das vivências singulares do indivíduo comum.

5 Conclusão

O percurso argumentativo pretendeu, em primeiro lugar, refletir sobre os laços entre Comunicação e Experiência.

Começámos por estabelecer que não apenas a experiência é formada comunicacionalmente, como o fenómeno comunicacional prevê as condições da experiência. Esta não apenas tem de ser comunicada, como sobretudo o modo dialético como é construída requer que a pensemos em estreita articulação com a comunicação, com a comunidade, e com a relação entre indivíduo e sociedade. Num segundo momento, expusemos, em pinceladas rápidas e de acordo com os nossos propósitos, a Teoria da Experiência de Walter Benjamin. Deixámos de lado, por necessidade de brevidade, outras contribuições valiosíssimas no campo da *Erfahrung* e *Erlebnis*, como por exemplo a de Dilthey ou de James. Afastando-se da estrita formulação benjaminiana, afirmou-se que experiência e vivência constituem duas modulações do processo experiencial. Indo além de Benjamin, procurou-se salientar a hipótese segundo a qual a *Erlebnis* constitui uma via de acesso para a consolidação da *Erfahrung*. Deste ponto de vista, a midiaticização da comunicação não significa tanto um empobrecimento da experiência mas um dos modos sobre os quais a comunicação das vivências é executada. A última secção visou justamente

sublinhar o quanto, na contemporaneidade, a comunicação, e em especial a sua midiaticização, molda a experiência das sociedades e dos indivíduos a partir da publicitação e exposição das vivências.

A Comunicação constitui-se nesta duplicidade, enquanto Experiência e enquanto Vivência. Ambas as qualidades experienciais concorrem entre si para a formação da ideia de mundo comum ou sentimento coletivo. A Vivência não é, assim, por nós considerada como uma parente pobre da Experiência, ou como uma experiência de segundo grau, empobrecida, fragmentada, atomizada. Pelo contrário, ela é uma outra dimensão ou modulação da Experiência formando uma temporalidade distinta sobre a qual os dispositivos tecnológicos de mediação simbólica operam e para a qual contribuem. Com efeito, a contemporânea midiaticização da publicidade baseia-se, com ímpar acutilância, na publicitação da experiência vivida. A mídia atual manifesta o *esprit du temps*, dedicando-se a expor, com particular veemência, o cotidiano do indivíduo, as suas angústias, os seus medos, as suas emoções íntimas.

Erfahrung e *Erlebnis* são dois tipos de compreensão da relação experiencial do indivíduo com o mundo. Ambas são constantemente negociadas e complementam-se na Comunicação. Contudo, esta complementaridade baseia-se na colaboração das suas temporalidades específicas. A Experiência aponta para a partilha simbólica, para a transmissão da tradição, para o contínuo inter-geracional, para um tempo lento como

condição de colocar em perspectiva os indivíduos, de os fazer ligar e comunicar. A Vivência, por seu turno, denota um tempo rápido, pontilhado, cadenciado, a comunicação vista à luz da sociedade de informação. As vivências requerem uma comunicação mais fugaz e efêmera, a experiência vivida como algo que não pode esperar, algo que é sentido e imediatamente partilhado ao mundo. É por isso que a midiaticização contemporânea da comunicação privilegia a experiência vivida, como procurámos sucintamente ilustrar.

A publicitação das vivências é hoje uma das formas maiores da experiência vivida (*Erlebnis*) ser negociada no processo de formação da Experiência (*Erfahrung*) dos indivíduos e das sociedades. Assim, a comunicação e a mídia contemporâneas realizam ambas as qualidades experienciais. Experiência e Vivência são co-participantes, são modulações do processo experiencial contínuo. Não apenas a comunicação é fundamental para a constituição e a comunhão da experiência, como também a sua midiaticização assenta, nos inícios do séc. XXI, numa forte ênfase sobre a experiência vivida, na ideia de (con)vivência. A mídia encontra nas vivências do indivíduo um dos modos preferenciais de funcionamento.

A peculiaridade dos tempos hodiernos consiste, então, na insistência da experiência vivida como ponto de partida para reencontrar a experiência plena. A recorrência da informação, da exposição emocional do indivíduo e da narrativa de si nos dispositivos tecnológicos de mediação

simbólica apenas vem lembrar a Vivência como um importante alicerce da comunicação e da experiência contemporâneas.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter: Experience. In: **Walter Benjamin Selected Writings- Volume 1 (1913-1926)** ed. Howard Eiland & Michael W. Jennings, Harvard, Harvard University Press, 1913/1914. [1996].

BENJAMIN, Walter: Experience and Poverty. (1933) In: **Walter Benjamin Selected Writings- Volume 2 (1927-1932)**, ed. Howard Eiland & Michael W. Jennings Cambridge, Massachussets and London, Cambridge, MA, & London: Harvard University Press, 1933. [1999].

BENJAMIN, Walter: On Some Motives in Baudelaire. In: **Walter Benjamin Selected Writings, Volume 4 (1938-1940)**, ed. Howard Eiland & Michael W. Jennings, Cambridge, MA. & London: Harvard University Press, 1939 [1999].

BENJAMIN, Walter: **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**, Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

BENJAMIN, Walter: A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**, Lisboa: Relógio d'Água, pp.93-113, 1992 a.

BENJAMIN, Walter: Sobre a Linguagem em Geral e sobre a Linguagem Humana. In: **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**, Lisboa: Relógio d'Água, pp.177-196, 1992 b.

DEWEY, John. **Democracy and Education**, Pennsylvania: Pennsylvania State University, 1916. [2011]

DEWEY, John. **Lectures in the Philosophy of Education**, New York, Random House, 1899. [1966]

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos Vagabundos**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**, São Paulo: Editora Perspectiva, 1999.

JAMES, William. **Essays in Radical Empiricism**, Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1912. [1976]

LACOUÉ-LABARTHE, Phillipe. **La Poésie comme Expérience**, Christian Bourgois Éditeur, 1986.

LIMA, F; MAGALHÃES S. Modernidade e Declínio da Experiência em Walter Benjamin. In: **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, vol.32, nº2, p. 147-155, 2010.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: aviso de incêndio. Uma leitura das teses “sobre o conceito de história”**. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATOS, Olgária. **O Iluminismo Visionário - Benjamin, leitor de Descartes e Kant**, São Paulo: Brasiliense, 1999.

MEAD, George Herbert. **Mind, Self and Society – from the standpoint of a social behaviourist**, Chicago and London: The University of Chicago Press, 1992. [1934]

NETO, Joachin Azevedo. Escrita, Estranhamento e História em Walter Benjamin. In: **Actas do VI Simpósio Nacional de História Cultural- escritas da história, ver sentir, narrar**. Universidade Federal do Piauí, 2012.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O Paradigma Comunicacional**, Lisboa: Fundação Gulbenkian, 2011.

SHEPHERD, Gregory. Communication as Transcendence. In: Shepherd, G. St John, J. Strippas, T. (ed.) **Communication as – perspectives on theory**, London: Sage, 2005. pp. 22-30.

SIMMEL, Georg. **Sociologie –études sur les formes de la socialisation**, Paris : PUF, 1999.

KIERKEGAARD, Sören. **Post-scriptum aux Miettes philosophiques**, Paris : Gallimard, 1846. [2002]

Communication's Experience and Lived Experience

Abstract

Building on the meditations of Walter Benjamin around experience and modernity, we ponder the relationship between communication, experience and lived experience. If, on the one hand, the German essayist takes lived experience as impoverished experience, on the other hand, it is argued that the seizure of these lived experiences may just lead us to experience. This idea is developed and applied to communication. It is maintained that Experience (*Erfahrung*) and Lived Experience (*Erlebnis*) are not only two experiential qualities going hand in hand, but also, it is contended, contemporary mediatization is based on the communicability of Lived Experiences, thus contributing to the process of Experience's constitution.

Keywords

Erfahrung; *Erlebnis*; Experience; Lived Experience; Communication Theory; Mediatization; Walter Benjamin.

La Experiencia y la Vivencia – propuesta para una teoría modular de la comunicación

Resumen

Tomando como punto de partida las meditaciones de Walter Benjamin en torno de la experiencia y de la modernidad, reflexionamos sobre la relación entre la comunicación, experiencia y vivencia. Si, por un lado, el ensayista alemán percibe la experiencia a través de lo agotamiento de la experiencia, por el contrario, este texto sostiene, es la captura de estas experiencias que sólo puede llevarnos a la experiencia. Esta idea se desarrolla y se aplica a la comunicación. Se argumenta que experiencia (*Erfahrung*) y vivencias (*Erlebnis*) no son sólo dos cualidades experienciales interdependientes pero también la mediatización contemporánea se basa en la comunicabilidad de vivencias contribuyendo así para que estas posean un papel clave en el proceso de constitución de la experiencia.

Palabras-Clave

Erfahrung, *Erlebnis*; Experiencia; Vivencia; Teoría de la Comunicación; Mediatización; Walter Benjamin.

Expediente

A revista E-Compós é a publicação científica em formato eletrônico da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós). Lançada em 2004, tem como principal finalidade difundir a produção acadêmica de pesquisadores da área de Comunicação, inseridos em instituições do Brasil e do exterior.

E-COMPÓS | www.e-compos.org.br | E-ISSN 1808-2599

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.17, n.2, mai./ago. 2014.

A identificação das edições, a partir de 2008, passa a ser volume anual com três números.

CONSELHO EDITORIAL

Afonso Albuquerque, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Alberto Carlos Augusto Klein, Universidade Estadual de Londrina, Brasil
Alex Fernando Teixeira Primo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Ana Carolina Damboriarena Escosteguy, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Ana Gruszynski, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Ana Sílvia Lopes Davi Médola, Universidade Estadual Paulista, Brasil
André Luiz Martins Lemos, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Ângela Freire Prysthon, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Antônio Fausto Neto, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Antonio Carlos Hohlfeldt, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Antonio Roberto Chiachiri Filho, Faculdade Cásper Líbero, Brasil
Arlindo Ribeiro Machado, Universidade de São Paulo, Brasil
Arthur Autran Franco de Sá Neto, Universidade Federal de São Carlos, Brasil
Benjamim Picado, Universidade Federal Fluminense, Brasil
César Geraldo Guimarães, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Cristiane Freitas Gutfreind, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Denilson Lopes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Denize Correa Araujo, Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil
Edilson Cazeloto, Universidade Paulista, Brasil
Eduardo Vicente, Universidade de São Paulo, Brasil
Eneus Trindade, Universidade de São Paulo, Brasil
Erick Felinto de Oliveira, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Florence Dravet, Universidade Católica de Brasília, Brasil
Gelson Santana, Universidade Anhembi/Morumbi, Brasil
Gilson Vieira Monteiro, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Gislene da Silva, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Guillermo Orozco Gómez, Universidad de Guadalajara
Gustavo Daudt Fischer, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Hector Ospina, Universidad de Manizales, Colômbia
Herom Vargas, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Brasil
Ieda Tucherman, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Inês Vitorino, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Janice Caiafa, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Jay David Bolter, Georgia Institute of Technology
Jeder Silveira Janotti Junior, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
João Freire Filho, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
John DH Downing, University of Texas at Austin, Estados Unidos

José Afonso da Silva Junior, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
José Carlos Rodrigues, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
José Luiz Aídar Prado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
José Luiz Warren Jardim Gomes Braga, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Juremir Machado da Silva, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Laan Mendes Barros, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil
Lance Strate, Fordham University, USA, Estados Unidos
Lorraine Leu, University of Bristol, Grã-Bretanha
Lucia Leão, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Luciana Panke, Universidade Federal do Paraná, Brasil
Luiz Claudio Martino, Universidade de Brasília, Brasil
Malena Segura Contrera, Universidade Paulista, Brasil
Márcio de Vasconcellos Serelle, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil
Maria Aparecida Baccaga, Universidade de São Paulo e Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Maria das Graças Pinto Coelho, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Universidade de São Paulo, Brasil
Maria Luiza Martins de Mendonça, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Mauro de Souza Ventura, Universidade Estadual Paulista, Brasil
Mauro Pereira Porto, Tulane University, Estados Unidos
Nilda Aparecida Jacks, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Paulo Roberto Gibaldi Vaz, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Potiguara Mendes Silveira Jr, Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil
Renato Cordeiro Gomes, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Robert K Logan, University of Toronto, Canadá
Ronaldo George Helal, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Rosana de Lima Soares, Universidade de São Paulo, Brasil
Rose Melo Rocha, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
Rossana Reguillo, Instituto de Estudios Superiores del Occidente, Mexico
Rousiley Celi Moreira Maia, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Sebastião Carlos de Moraes Squirra, Universidade Metodista de São Paulo, Brasil
Sebastião Guilherme Albano da Costa, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
Simone Maria Andrade Pereira de Sá, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Tiago Quiroga Fausto Neto, Universidade de Brasília, Brasil
Suzete Venturelli, Universidade de Brasília, Brasil
Valerio Fuenzalida Fernández, Puc-Chile, Chile
Veneza Mayora Ronsini, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Vera Regina Veiga França, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

COMISSÃO EDITORIAL

Cristiane Freitas Gutfreind | Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil
Irene Machado | Universidade de São Paulo, Brasil
Jorge Cardoso Filho | Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil / Universidade Federal da Bahia, Brasil

CONSULTORES AD HOC

Adriana Amaral, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Alexandre Rocha da Silva, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Arthur Ituassu, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil
Bruno Souza Leal, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Elizabeth Bastos Duarte, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
Francisco Paulo Jamil Marques, Universidade Federal do Ceará, Brasil
Maurício Lissovsky, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Suzana Kilpp, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil
Vander Casaqui, Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

EDIÇÃO DE TEXTO E RESUMOS | Susane Barros

SECRETÁRIA EXECUTIVA | Helena Stigger

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA | Roka Estúdio

COMPÓS | www.compos.org.br

Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação

Presidente

Eduardo Morettin

Universidade de São Paulo, Brasil

eduardomorettin@usp.br

Vice-presidente

Inês Vitorino

Universidade Federal do Ceará, Brasil

ines@ufc.br

Secretária-Geral

Gislene da Silva

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

gislenedasilva@gmail.com